



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

UMA REFLEXÃO SOBRE A AUTODECLARAÇÃO DA SEXUALIDADE A PARTIR DA VISÃO DE FUTUROS PROFESSORES

Joseanne Aparecida Maramaldo Levi (ULHT) - jdowlevi@gmail.com

José Gregório Viegas Brás (ULHT) - zevibras@gmail.com

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa e quantitativa, com apoio bibliográfico e documental. Muntarbhorn (2016), afirma que existem muitos desafios relacionados ao estereótipo e que as pessoas querem ser o que já são, mas, para isso, precisam enfrentar a discriminação. Segundo o Relatório de Violência Homofóbica no Brasil (2013), encontramos 36,4% sofreram violência discriminação relacionada a sua orientação sexual. Na metodologia foi escolhida de modo aleatório uma instituição pública de ensino superior, na cidade de São Luís no estado do Maranhão, com a participação dos alunos matriculados no primeiro, quarto e oitavo período no curso de licenciatura. A coleta de dados aconteceu nos meses de abril a maio de 2018, todos os questionários foram aplicados dentro da escola. Na questão Por que você acha que o(a) professor(a) pode declarar sua orientação sexual em sala de aula? – alunos(as) do 1º período, a maioria, 46%, responderam: o professor tem liberdade / sua orientação não vai influenciar. No 4º período, 12%, responderam: o professor deve dar aula / sua vida pessoal não interessa. Já no 8º período, 69%, responderam: o professor tem liberdade / sua orientação não vai influenciar. Nota-se que os resultados encontrados em torno do tema, apresentam, correlação com a religião, como a variável norteadora da maioria das respostas dos sujeitos participantes.

Palavras-chave: Sexualidade. Professores. Autodeclaração.

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente é importante falar que para abordar as questões da sexualidade buscamos referenciar esta discussão a partir de Foucault (1988) que apesar de não estar falando propriamente da história da sexualidade, mas do estudo sobre os fenômenos históricos relacionados a construção através do discurso sobre a sexualidade e as relações de poder, elucida que no começo do século XVII ainda era presente e comum a liberdade sobre as práticas sexuais, pois não se escondiam ou limitavam suas expressões, e as crianças vivenciavam este momento sem sofrer qualquer tipo de desconforto. Todavia, no final do mesmo século conforme o mesmo autor, vivemos o período chamado Idade da Repressão, onde, a sexualidade é posta ou escondida para dentro de casa, no quarto e limitada apenas a



XII ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

proposta da reprodução humana; neste período parece que as crianças não têm sexo, pois são proibidas de falar, sendo todos assim convidados para o silêncio e sendo esta geração conduzida para a uma prática de sua sexualidade, quando em busca do prazer, para espaços clandestinos onde a troca se estabelece por meio da prostituição e onde se pode ser livre nos gestos e nas falas por valores bem altos. Ainda com a mesma referencia teórica, notamos que o século XVIII apresenta-se como um período em que as questões que envolvem a sexualidade, como: natalidade, fecundidade, estado de saúde, incidência das doenças, como alguns dos elementos que frente ao surgimento do problema chamado “população” passa a ser vinculado com os aspectos da: economia e da política como fatores que pedem o controle do governo, como sendo o ponto de discussão: o sexo.

2 SEXO E OS DESAFIOS SOBRE SEU ENTENDIMENTO

Daí, de acordo com Foucault (1988), surgem, ainda, neste mesmo período um emaranhado de questões sob a análise da conduta das práticas sexuais, pois tentam fazer do comportamento sexual dos casais um vínculo arraigado a economia e a política deliberada. E aqui, temos o tema de nossa discussão quando se impõem a ocultação plena deste assunto chamado: sexo, pois some da linguagem das crianças e da comunicação ou do diálogo entre os adultos e também com os alunos e os professores, ou seja, aos poucos o silêncio vai dominando este período nas relações sociais da época.

Segundo Foucault (1988), percebe-se que os colégios do século XVIII a partir dos aspectos da disponibilidade da arquitetura e também da regulamentação da disciplina, que tudo parece está submetido ao controle e vigilância, como por exemplo: o horário do sono, onde sexualidade desde a infância torna-se um espaço ou uma câmara de difícil acesso, chamando assim de discurso interno no espaço escolar, também refletindo nas chamadas de atenção ao cumprimento das normas naquele tempo legitimadas pelos acordos institucionalizados na escola, pelo que, este silêncio, quer dizer que o modo de falar sobre a sexualidade, estava sendo limitada a um processo educativo, sob os auspícios médicos e tornando-se pedagogizados quando o professor formula para os alunos conforme Foucault (1988) perguntas sobre o “mistério do sexo”, “do nascimento” e “da procriação”, que faz com que o aluno na apresentação de suas respostas com ajuda de gravuras, responda sem



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

dificuldade ou constrangimento as questões que lhe foram feitas, mostrando, que, até existe um diálogo sobre o sexo, mas o que quer dizer Foucault (1988), é que essa fala, era controlada, observada, vigiada e não tinha a espontaneidade que apresentava antes, como no começo do século XVII.

2.1 A sexualidade, um mergulho difuso dos prazeres

Então continuamos a luz de Foucault (1988), indo para o século XIX com o nascimento de novas abordagens envolvendo a sexualidade, pois aqui temos uma infinidade de demandas que também é chamado pelo autor de “idade da multiplicação: uma dispersão de sexualidade, um reforço de suas formas absurdas, uma implantação múltipla das perversões”. Ou seja, a heterogeneidade da sexualidade, conforme o autor, a que aparece as sexualidades múltiplas com vínculo: a idade, temos a lactante ou da criança; aos gostos, a sexualidade do invertido, do gerontófilo ou do fetichista; as que são difusas na sua relação, sexualidade da relação médico-paciente, pedagogo-aluno ou psiquiatra-louco e as que estão em espaços chamados definidos, como sexualidade do lar, da escola ou da prisão, e em que todas elas estão presentes uma relação de poder, dando uma outra dimensão de visão sobre a sexualidade ora vista.

Ainda conforme o Autor, é perceptível que após tantas tentativas de controlar a sexualidade, dando a ela o sentido único da reprodução humana ou a forma unicamente heterossexual ou dando um tempo inicial sendo a idade adulta ou mesmo legitimando pelo matrimônio, demonstram terem sido desconstruídas ao longo tempo pela ruptura destas barreiras com o estabelecimento de novos acordos e subvertendo o que foi codificado e normatizado como o “certo” pelo tipo de sociedade majoritariamente burguesa que tentou macular ou eliminar o direito de ter o sexo e a liberdade de usar como quiser. Assim é importante considerar a sexualidade a partir de Foucault (1988) sob um prisma das elucubrações de natureza confusa e ilusórias, pois para ele, o sexo é o reflexo do momento histórico da sexualidade, assim, é possível considerar que os momentos históricos, promoveram a percepção de várias circunstâncias em que se tentou impor condições ao prazer há vários corpos violando o direito de ser de cada um e como desejar quanto ao respeito da sua variedade ou diversidade nas suas relações.



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

De acordo com Bozon (2004) na introdução do seu livro *Sociologia da Sexualidade*, ele apresenta um desafio: sociologizar a sexualidade, mostrando a influência da construção social para o entendimento da sexualidade humana, o que ajuda no entendimento do que foi apresentado acima por Foucault (1988), pois, para Bozon (2004), percebe-se que a sexualidade do ponto de vista biológico perdeu sua mais genuína expressão, pois quando recebe as regras do seu agir sexual através do meio social que faz parte, recebendo tais normas, como: Com quem? Onde? Quando? Como? Assim, conforme Bozon (2004) transforma-se a sexualidade num conjunto de ações organizadas pelos aspectos políticos, culturais ou econômicos que vão sendo passados de geração a geração. Para o mesmo Autor, no século XIX, percebe-se que o termo sexualidade aparece como uma ruptura das construções dos fortes paradigmas religiosos, que controlavam e ditavam o sexo, pois correlacionando com o tempo onde não sofria repressão, podia-se ter nos pontos de maior liberdade o sexo, conforme Foucault (1988) mostra, os atos sexuais seguiam acontecendo no século XVII de forma livre e espontânea, nas fontes, considerado um lugar aberto, com presença de várias pessoas, sendo um espaço público não só da mulher, e onde os homens eram ensinados pelas mulheres como conduzir o amor, também chamado de sexo.

Após este recorte histórico sobre a liberdade sexual, e depois a vinda das regras como controle da sexualidade, onde está a revolução ou subversão? De acordo com Bozon (2004) percebe-se que a partir de 1960 fala-se de um início de transformação ou ruptura de padrões relacionados ao sexo, mas na verdade o que acontece está relacionado principalmente às questões da educação que está massificada e à participação da mulher no mercado de trabalho, significando maiores razões de mudanças nas relações sociais, que então, provocam mudanças vinculadas a percepção da sexualidade.

Desta forma, para Bozon (2004) as questões sobre idade, neste momento apresentam uma certa longevidade, oferecendo aos casais um tempo duradouro no desempenho sexual no século XX, como reflexo da melhoria da qualidade de vida e condições socioeconômicas. Todavia, é importante considerar que nos anos de 1980, temos a inferência da aceitação da homossexualidade e da bissexualidade, mas é visível a discriminação e o preconceito neste período quando na apresentação em seus grupos sociais, tais como: família, escola, ambiente de trabalho e amigos, sobre sua condição de lésbica, gay ou bissexual sofrem um afastamento



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

devido a dificuldade de entender a diversidade da sexualidade apresentando-se ou mostrando-se nessa época.

Ainda conforme Bozon (2004), ao mesmo tempo que se percebe que avançamos no deslocamento de maiores expressões da sexualidade no século XX, também atravessa-se muitos obstáculos, fazendo com que haja uma emancipação daqueles que não correspondem ao normal, no caso a heterossexualidade, sendo estes: tendo que, cedo sair do seio familiar e ingressar para o trabalho para seu auto sustento. E conforme ainda o mesmo autor entre 1985 e 1995, muitos casais começam à aparecer no cenário do território francês, mas somente os que moram com seus parceiros, pois aqueles que não tinham seu par, conviviam no silêncio de não falar sobre seus desejos sexuais.

E nessa construção do desejo e do prazer através do sexo com uma sexualidade sofrendo mudanças a cada época, percebe-se que para Bozon (2004) o espaço para exposição deste tema ganha maior alcance, através da literatura, televisão, filmes, fazendo com que haja novos acordos do que pode ou não ser dito ou visto por estas mídias de comunicação.

2.2 Gênero é a construção dos papéis certos?

Com a finalidade de reforçar a necessidade de se construir uma nova perspectiva que vá além do que já foi apresentado sobre o sexo e a sexualidade, busca-se por meio do sentido que o gênero, ofereça através dos estudos e discussões desenvolvidos, apresentar de acordo com Louro (1997), que questões sobre gênero não é negar, mas constituir uma relação sobre corpos sexuados, seguindo os preceitos biologicamente orientados, mas com valorização da construção social e historicamente demarcado, pois estabelece assim, uma forte ligação com as questões das representações sociais que fazem parte do processo de atuação do sujeito. Embora o termo seja fruto das manifestações dos movimentos feministas, vemos que Louro (1997) aplica numa dimensão mais aprofundada sobre as identidades dos sujeitos de modo plural, aplicando a homens e mulheres de modo diversificado. Então para esta autora, é importante considerar que as questões de gênero, ou seja, os papéis que são estabelecidos na sociedade dão um parecer sobre o corpo biologicamente formado e assim, criando as disposições de regras que desafiam o que se pretende desconstruir que é o determinismo destes papéis historicamente consagrados ao que deve o homem e a mulher fazer em cada



XII ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

espaço social, dentre eles: no lar, na igreja, no trabalho ou no convívio com os amigos, deste modo reforça o que Foucault (1988) diz sobre a sexualidade, como uma criação social, estabelecida pelas construções dos papéis apresentados como regras a serem seguidas, sob o prejuízo de serem penalizados pela discriminação e/ou preconceito da sociedade que legitima estas normas de acordo com seus valores culturais, religiosos, econômicos ou sociais.

Pensando na proposta de distinguir entre sexo e gênero, temos de acordo com Butler (2003) a perspectiva de que o sexo numa visão biologicamente concebida parece ser irrevogável a ideia do determinismo orgânico ou seja, se o corpo nasce com a genitália masculina, será concebido como homem e do contrário como mulher, mas que mesmo neste aspecto, ainda apresenta sua variação, com a manifestação da interssexualidade, sobrepondo-se a tentativa do controle biológico, que tenta seguir ou obedecer somente a binaridade, o que na construção do ponto de vista do gênero novamente se desfaz, pois, aqui é construída culturalmente, não precisando obedecer ao corpo genitalizado, mas ao o quê o sujeito constrói independentemente do que biologicamente foi marcado. Sendo conforme a mesma autora o sexo pode ser um elemento ligado aos aspectos dos dados do cromossoma ou da anatomia ou do hormônio, mas, permitindo mergulhar no espaço das construções históricas ultrapassando assim, seus limites para um outro espaço chamado: o gênero, como uma percepção cultural do sexo.

E chegando perto de finalizar este capítulo senti a necessidade de elucidar, sobre a sociologia do corpo como elemento também de discussão em torno das questões da sexualidade e do gênero, construídas ao longo do tempo, e que de acordo com Le Breton (2007), estes elementos, também são vistos como produto das condições históricas e sociais, o que confirma as visões dos autores (FOUCAULT, 1988); (BOZON, 2004); (LOURO, 1997) e (BUTLER, 2003), quanto a perspectiva destas relações, dando oportunidade de se dar um sentido ao corpo além do biológico, desconstruindo o seu papel anatômico e se deixando modificar conforme os papéis que são acordados ou estabelecidos entre si, mas de forma mais livre e menos condicionada. Assim, para Le Breton (2007) a sociologia do corpo, é um atributo que pertence ou está ligado ao imaginário social, fazendo com que o corpo seja percebido como uma ponte de relação com o próprio ser humano e na sociedade em que vive, trazendo uma forte relação destes que demonstram não se poder separar ou dividir: homem e



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

corpo, pois estão tão próximos nas suas relações, que o corpo pode trazer sem que o homem possa escolher: valores que antecipam sua vontade, tais como os valores sexuais, raciais, étnicos, sociais e também religiosos, fazendo uma natural ligação com o coletivo a que pertence, assim, ao mesmo tempo que denota um pertencimento social, também estabelece códigos que podem conduzir este homem no corpo socialmente criado. Mas também possui, uma, outra percepção, da sociologia do corpo conforme o mesmo autor como um instrumento capaz de ser isolado da pessoa humana em dimensões de maiores correlações físicas, culturais, sociais ou econômicas que diz respeito as classificações dirigidas ao tipo do corpo, como ditados pela fisionomia, mas ainda assim, vincula-se a uma classe, mesmo que sendo menor aqui os valores estabelecidos, como também quando relacionado ao gênero.

Então, o que seria o sexo quando pensado sob a vista do gênero? Para Oliveira (2017), uma máscara que o gênero sempre utilizou, pois “o sexo sempre foi gênero” p. 102 desta forma o que denominamos de sexo, também é uma construção social que tem agido de acordo com as dominações ou relações de controle impostas ao homem pela sociedade por um acordo ou concordância estabelecida por uma ordem caracterizada também pela heteronormatividade que ainda não permite a expressão variada do sexo como expressão do gênero do indivíduo no atual meio social.

3 METODOLOGIA

Para investigação sobre este tema, foi utilizado uma abordagem metodológica mista, ou seja, quantitativa e qualitativa, para o conhecimento dos vários fatores possíveis relacionados aos desafios relacionados as questões de gênero e sexualidade. tivemos como sujeitos: os alunos do primeiro, quarto e sexto período do curso de licenciatura em Pedagogia matriculados no primeiro semestre do ano de 2018 numa universidade pública, onde todos assinaram o termo de consentimento e entregaram o no mesmo dia o questionário com perguntas abertas, fechadas e de múltiplas escolhas, respondido em sala de aula na própria universidade publica na cidade de São Luís do Estado Maranhão.



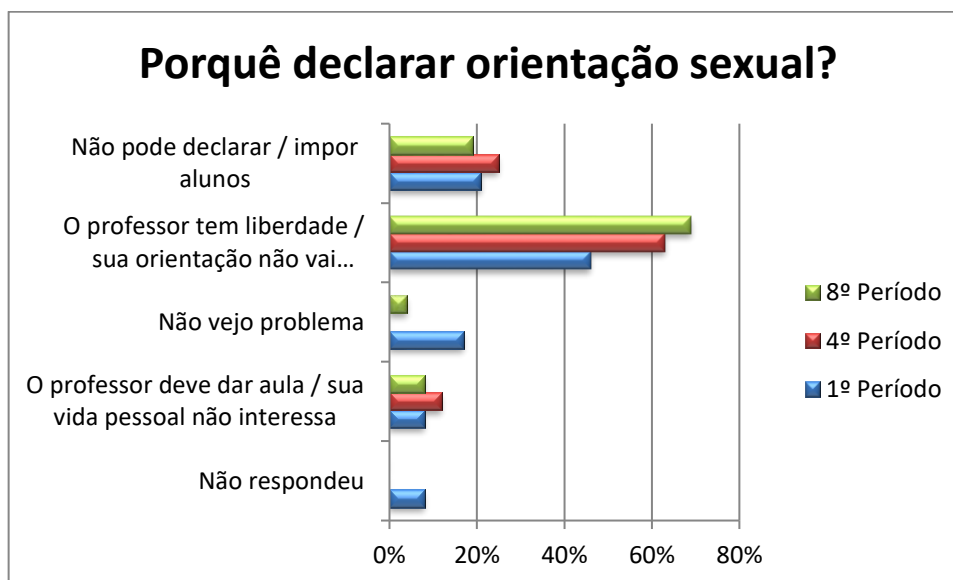
*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

4 RESULTADOS

Gráfico 01 – Você acha que o(a) professor(a) pode declarar sua orientação sexual em sala de aula?



Fonte: Construção da autora com base em informações fornecidas pelos(as) alunos(as)

Na questão Você acha que o(a) professor(a) pode declarar sua orientação sexual em sala de aula? – alunos(as) do 1º período, 46%, responderam: o professor tem liberdade / sua orientação não vai influenciar. 21%, responderam: não podem declarar / impor aos alunos. E, 17%, responderam: não vejo problema em declarar. No 4º período, a maioria, 63%, responderam: o professor tem liberdade / sua orientação não vai influenciar. E em segundo lugar, 25%, responderam: não podem declarar / impor aos alunos. 12%, responderam: o professor deve dar aula / sua vida pessoal não interessa. Já no 8º período, 69%, responderam: o professor tem liberdade / sua orientação não vai influenciar. 19%, responderam: não podem declarar / impor aos alunos. E, 8%, responderam: o professor deve dar aula / sua vida pessoal não interessa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que as questões de gênero e sexualidade quando tratadas no espaço acadêmico através da autodeclaração do docente pode facilitar a apresentação da sexualidade



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

e/ou do gênero dos discentes que sentem excluídos ou pode ser entendida como uma adesão ao universo LGBT, extremos que se deve ao pouco conhecimento dos significados que envolvem gênero e sexualidade. Lembrando que nesta pesquisa a variável religião tem grande participação na elaboração dos conceitos sobre o tema pesquisa, levando a considerar a importância do tema para a formação dos futuros professores.

ABSTRACT

This is a field research, of a qualitative and quantitative nature, with bibliographical and documentary support. Muntarhorn (2016) states that there are many challenges related to stereotyping and that people want to be what they already are, but to do so they must face discrimination. According to the Report on Homophobic Violence in Brasil (2013), we found 36.4% suffered discrimination violence related to their sexual orientation. In the methodology, a public higher education institution was chosen in a random way, in the city of São Luís in the state of Maranhão, with the participation of the students enrolled in the first, fourth and eighth period in the licenciatura course. Data collection took place from April to May 2018, all the questionnaires were applied inside the school. In the question Why do you think the teacher can state his / her sexual orientation in the classroom? - students from the first period, the majority, 46%, answered: the teacher has freedom / his guidance will not influence. In the 4th period, 12%, answered: the teacher should give lesson / his personal life does not matter. Already in the 8th period, 69% answered: the teacher has freedom / his guidance will not influence. It can be observed that the results found around the theme present a correlation with religion as the guiding variable of the majority of participants' responses.

Keywords: Sexuality. Teachers. Self-declaration.

REFERÊNCIAS

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade** / Michel Bozon; tradução Maria de Lourdes Menezes. – Rio de Janeiro : Editora FGV, 2004. 172p. – (Família, geração e cultura).
Tradução de: Sociologie de la sexualité.

BRASIL. (2016). **Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: ano 2013**. Brasília : Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. Disponível em: <<http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/RelatorioViolenciaHomofobicaBR2013.pdf>>
Acesso em: 28 set de 2018.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero : feminismo e subversão da identidade** / Judith Butler ; tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edição Graal, 1988. Do original em Francês: Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo** / David Le Breton ; 2. ed. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista** / Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.

MUNTARBHORN, Vitit. (2016). **ONU Brasil - Novo especialista da ONU para direitos LGBT pede atuação global contra violência e discriminação**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/novo-especialista-da-onu-para-direitos-lgbt-pede-atuacao-global-contra-violencia-e-discriminacao/>> Acesso em: 01 dez de 2016

OLIVEIRA, João Manuel de. **Desobediência de gênero**. – salvador, BA: Editora Devires, 2017.